



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANDERSON LUIZ VIEIRA BARBOSA

**O FREVO E O MUSEU: uma análise comparativa da visita ao paço do frevo com
ou sem a vivência em dança.**

RECIFE
2023

ANDERSON LUIZ VIEIRA BARBOSA

O FREVO E O MUSEU: uma análise comparativa da visita ao paço do frevo com ou sem a vivência em dança.

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como requisito necessário à obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Natália Barros Beltrão
Pirauá.

RECIFE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

B238f Barbosa, Anderson Luiz Vieira.
O frevo e o museu: uma análise comparativa da visita
ao Paço do Frevo com ou sem a vivência em dança /
Anderson Luiz Vieira Barbosa. – Recife, 2023.
36 f.; il.

Orientador(a): Natália Barros Beltrão Pirauá.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura
em Educação Física, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

1. Estimulação sensorial . 2. Frevo. 3. Dança. 4.
Museus 5. Educação física - Estudo e ensino. I. Pirauá,
Natália Barros Beltrão, orient. II. Título

CDD 613.7

ANDERSON LUIZ VIEIRA BARBOSA

**O FREVO E O MUSEU: uma análise comparativa da visita ao paço do frevo com
ou sem a vivência em dança.**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como requisito necessário à obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Aprovada em: 27/04/2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Natália Barros Beltrão Pirauá (Orientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Lira (Membro Titular Interna)
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Abrahamiann de Souza (Membro Titular Externa)
Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ

Dedico esse trabalho à minha vó, vô e mãe que sempre me apoiaram nas escolhas incomuns da minha caminhada. Dedico também ao corpo docente do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE, com quem pude construir o profissional que estou me tornando, além de ampliar minha visão da Dança, da Educação Física e do Mundo. Por fim, mas não menos importante, dedico este escrito a todas as pessoas que acreditaram em mim, mesmo quando eu descreditei. É isso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim e a todas as pessoas que cruzaram minha jornada construindo a partir de nossos corpos a pessoa que eu sou hoje.

Um agradecimento especial à minha família que sempre me deu apoio, ao corpo docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE que me suportou por tanto tempo, principalmente Rachel Mello que não me deixou abandonar o curso.

Aos grandes educadores que me despertaram uma verdadeira paixão: An(j)a Paula Abrahamiann, Maria Helena Lira, Natália Beltrão e Sérgio Cahú. Agradeço a Flavinha, sempre tão acolhedora e compreensiva, a Elis que sempre acreditou no meu potencial, Anna Myrna por ser um exemplo de paixão pelo que faz e uma grande pessoa e profissional.

Aquele salve para a galera da recepção do Departamento de Educação Física que sempre foi tão cordial e competente: Danny, Edson, Bruna, Érika e Pirado.

Não podia deixar de agradecer aos amigos que me fortaleceram na sobrevivência acadêmica e na escrita desse trabalho: Ághata Santos, Juliana Giusti, Juan Sebastian, Juliana Verçosa, Rayssa Vasconcelos, Thango, Margot, Aline e tantas outras. Agradeço à Jesus Anderson por ser ponte entre minha pesquisa e o Paço do Frevo, à Mika, Day e Gustavo por terem se disponibilizado para contribuir na coleta de dados.

Agradeço imensamente a Iris Braga, psicóloga que foi crucial para a minha sobrevivência psíquica durante esse processo.

E por fim agradeço à Dança que me salvou muitas vezes na vida. Sigamos dançando para externar nossas sensações e emoções...

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a experiência de aproximação com o frevo, enquanto manifestação registrada na Lista de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade em 2012 pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, oferecida para visitantes no Museu Paço do Frevo, no Recife-PE. Na análise da visita ao museu em questão, buscamos comparar a experiência de quem apenas visitou o museu sem experimentar a vivência do frevo, com a experiência de quem praticou a dança nas vivências oferecidas gratuitamente pelo museu alguns dias da semana. O intuito da investigação é entender melhor a importância da experimentação corporal do frevo-dança e como essa prática multissensorial influencia a experiência dos visitantes no Paço do Frevo. Nesta perspectiva, realizamos uma pesquisa de campo de cunho comparativo, baseada nas respostas dos sujeitos participantes da pesquisa, a partir de uma entrevista estruturada com quatro questões relacionadas à satisfação e o aprendizado durante a passagem pelo espaço museu. Os resultados apontam para um aumento significativo na satisfação e no aprendizado do grupo que realizou a prática imersiva multissensorial da vivência em dança, comparado a quem não experienciou a vivência.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; educação física; frevo, aprendizagem multissensorial

ABSTRACT

This research goals to analyze the experience of approaching Frevo, as a manifestation registered in the List of Intangible Cultural Heritage of Humanity in 2012 by United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization – UNESCO, offered to visitors at the Paço do Frevo Museum in Recife-PE. In the analysis of the visitation of the museum in question, we look for to compare the experience of those who only visited the museum without trying the frevo experience, with the experience of those who practiced dance in the experiences offered free of charge by the museum some days of the week. The purpose of the research is to better understand the importance of experiencing the body in frevo-dança and how this multisensory practice influences the experience of visitors to Paço do Frevo. In this perspective, we carried out a comparative field research, based on the responses of the subjects participating in the research, based on a structured interview with four questions related to satisfaction and learning during the passage through the museum space. The results point to a significant increase in the satisfaction and learning of the group that performed the immersive multisensory practice of Experience in Dance, compared to those who did not experience the experience.

KEYWORDS: Dance; physical education; frevo; multisensory learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Gráfico 1** – Dados referentes à participação na vivência prática em dança no Paço do Frevo, Recife-PE..... **25**
- Gráfico 2** – Dados referentes à satisfação da visita do G1 (participantes da vivência em dança)..... **26**
- Gráfico 3** – Dados referentes à satisfação da visita do G2 (não participantes da vivência em dança)..... **26**
- Gráfico 4** – Comparativo de satisfação entre G1 e G2 das exposições/experiências na visita..... **27**
- Gráfico 5** – Dados referentes ao aprendizado/ampliação do conhecimento acerca do frevo do G1..... **28**
- Gráfico 6** – Dados referentes ao aprendizado/ampliação do conhecimento acerca do frevo do G2..... **28**
- Gráfico 7** – Comparativo de significação de aprendizado/ampliação do conhecimento sobre o frevo do G1 e G2..... **29**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 CONHECER, TROCAR, APRENDER: A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO, O CORPO E A DANÇA	12
2.2 EDUCAÇÃO, DANÇA E O PAÇO DO FREVO	15
2.3 COMO SE APRENDE, COM O CORPO OU COM A MENTE?	17
2.4 FREVO, PATRIMÔNIO EM MOVIMENTO	18
3. MÉTODOS	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	34

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasceu das minhas experiências corporais, das minhas pesquisas relacionadas ao movimento e ao frevo durante minha passagem pelo museu Paço do Frevo como educador (estagiário) e como recepcionista. Relatos de visitantes sobre a vivência em dança, a satisfação dos sujeitos que saem do museu após a vivência sempre me chamou a atenção.

Refletindo sobre como fazer para que pessoas de lugares tão distintos culturalmente pudessem se sentir parte da história do frevo, só me passou pela cabeça uma resposta: sentindo o frevo em seus próprios corpos. Se o frevo hoje é patrimônio da humanidade, pessoas de qualquer lugar precisam acessar, construir significados sobre essa manifestação cultural.

Entendendo que o frevo precisa fazer sentido para todas as pessoas que o conhecem e a melhor forma de conhecer o frevo e de fazer parte de sua história é permitindo que seu corpo experimente a liberdade de possibilidades de movimento e expressão de sentimentos que nossa mais famosa dança permite, pois “a vida não é só de desvantagem” (SABOTAGE, 2000). Para assim podermos levar o frevo a todas as pessoas do mundo através de seus corpos e que, dessa forma, a alegria possa “frever” dentro de cada um.

Historicamente, Pernambuco é um território cultural muito rico e poder se utilizar das danças que aqui se cultivam para potencializar a formação das pessoas é, sem dúvidas, uma grande oportunidade. E, nas décadas de 1960 e 1970 houve, segundo Marques (1998) uma onda de profissionais da dança que buscavam na diversidade o direito de decidir sobre poder ou não dançar, rompendo com padrões de corpo, arte e sociedade.

A este respeito, compreendemos que a educação e a cultura estão amplamente ligadas à formação social. A este respeito, Valente (2009, p. 85) observa que “educação e cultura são os processos fundamentais da formação intelectual própria dos indivíduos”. Essa relação dialógica educar/aprender acontece em todos os âmbitos da sociedade. Desta forma, “o aprendizado das crianças começa muito antes delas frequentarem a escola. (VYGOTSKY, 2016, p. 56).

A educação está na escola, como espaço formal, assim como no museu, espaço não-formal, mas também se constrói nas relações familiares, comunitárias, nos ônibus e em qualquer espaço de convívio social.

Assim, aprender não é apenas um trabalho intelectual separado do trabalho corporal, “o corpo é o instrumento através do qual o homem se comunica e se expressa” (LABAN, 1978, p. 88).

De acordo com Vygotsky (2016, p. 59) “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam”. Para o sucesso desse aprendizado nos utilizamos de uma multiplicidade de sentidos desde a infância, de modo que “as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos” (Ibid., p. 21).

Na escola, muitas vezes, o uso desses sentidos é limitado pela própria estrutura escolar, que segundo Foucault (1987), busca uma coerção disciplinar que aumentaria a “aptidão”, ao mesmo tempo que torna os corpos obedientes, “dóceis”. Esse formato de organização escolar ainda existe hoje, não só nas escolas, como nas universidades.

Além dos estímulos sensoriais nas experiências de aprendizagem, questões emocionais influenciam na nossa percepção. Quando falamos em aprendizagem através da dança ou do corpo, dentro desse lugar da experiência imersiva multissensorial, “o corpo está envolvido na exploração de conceitos de aprendizagem, e possivelmente expressando como a criança se sente sobre o que está sendo realizado por meio de seu corpo” (GORI *et al.* 2022, p. 9).

O cérebro humano evoluiu para aprender e operar em ambientes naturais nos quais o comportamento é muitas vezes guiado por informações integradas em várias modalidades sensoriais. (SHAMS; SEITZ, 2008, p. 411).

Segundo a pesquisadora nigeriana Oyěwěmí (2002), os povos lorubás percebem a multiplicidade de sentidos ancorados na audição, pois a dinâmica desses povos se constrói a partir da comunicação, das relações sociais.

Na escola (não apenas na educação física), nas aulas de danças, a visão tem sido o principal sentido utilizado na apreensão da realidade no ocidente, “no entanto, audição, olfato, paladar e tato contribuem simultaneamente na produção dessas representações” (BIANCHI; LIMA; BARBOSA, 2016, p. 149-150).

Ainda, segundo Shams e Seitz (2008) as interações multissensoriais estão presentes em todo o sistema nervoso e acontecem desde os estágios iniciais do processamento perceptivo. Criar ambientes que favoreçam o aprendizado multissensorial de forma a aproximar as pessoas de determinados

conteúdos/conceitos. Desta maneira é urgente repensarmos formas de ensinar/aprender de modo mais satisfatório nos espaços formais e não-formais de educação.

Na cidade do Recife, um dos espaços que promove uma experiência de aprendizagens múltiplas é o museu Paço do Frevo. No museu, além das exposições habituais sobre o frevo, a visita inclui uma vivência prática de dança, oferecida em alguns dias da semana, e facultada ao visitante.

A reflexão sobre a relevância das aprendizagens multissensoriais, e a vivência pessoal de acompanhar visitantes nas experiências do museu Paço do Frevo me levaram às perguntas do presente estudo. A saber: Como é a experiência de quem visita o museu e participa da vivência em dança? Como é a experiência de quem visita o museu e não participa da vivência em dança? Qual é a diferença entre as experiências de quem participa e de quem não participa da vivência oferecida pelo museu? O que se aprende na visita sobre o frevo e qual a relevância da vivência em dança nesse processo? Desta forma, o objetivo do presente estudo é compreender a experiência de quem visita o espaço museu a partir do relato dos visitantes do museu Paço do Frevo, comparando a experiência daqueles que fazem a visita com e sem a vivência em dança.

E, a partir disso, analisar o relato dos visitantes do museu Paço do Frevo que fazem a visita com vivência em dança; analisar o relato dos visitantes do museu que fazem a visita sem vivência em dança; identificar a diferença entre as experiências de quem participa e de quem não participa da vivência oferecida pelo museu; assim como, analisar a relevância dessa atividade prática corporal no processo de visita e aprendizagem sobre o frevo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONHECER, TROCAR, APRENDER: A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO, O CORPO E A DANÇA

Educar é sobre troca, sobre relações. Nesse sentido Freire (1983, p. 46), traz que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. A famosa frase que até hoje se faz presente nos debates relacionados à educação, principalmente quando pensamos na educação escolar. Essa frase é de uma importância enorme se pensarmos que “aquilo que ‘não faz sentido’ – que não está impregnado, contaminado, revestido de sentido – não tem importância, não é relevante, não nos diz respeito” (MARQUES, 2010, p. 27).

Porém, educação é algo que faz parte da vida social, “educação e cultura são os processos fundamentais da formação intelectual própria dos indivíduos” (VALENTE, 2009, p. 85). Para Marques (2010) esses sentidos que buscamos se constroem nas trocas construídas nas teias das relações sociais, pelos atos políticos, pelas produções e vivências culturais. Contudo, antes de pensarmos em como isso acontece, precisamos pensar onde acontece.

Esse “lugar” de aprender e construir sentidos não começa e nem termina na escola. De acordo com Vygotsky (2016) o nosso aprendizado começa bem antes da escola.

Enquanto seres humanos, nos utilizamos de todos os sentidos nesse processo, pois “o homem é um corpo consciente” (FREIRE, 1983, p. 51). O tato, a visão, a audição, o olfato e o paladar nos ajudam a criar uma relação com o ambiente e com as pessoas ao nosso redor. Assim, “a percepção visual tem sido conceituada como o sentido privilegiado para a produção de representações mentais” (BIANCHI; LIMA; BARBOSA, 2016, p. 149), mas e os outros sentidos? Sobre isso, os autores afirmam que a “audição, olfato, paladar e tato contribuem simultaneamente na produção dessas representações” (Ibid., p. 150).

O primeiro ambiente de convívio social e dessa construção do educar/ensinar/aprender é para a maioria das pessoas, a família. Deste modo, “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam.”

(VYGOTSKY, 2016, p. 59). O que nos faz compreender que nosso corpo está integrado à nossa experiência no mundo durante toda vida , e que “o corpo é o instrumento através do qual o homem se comunica e se expressa” (LABAN, 1978, p. 88).

Nessa perspectiva social da aprendizagem, quando chega a fase escolar, professores e colegas ocupam o lugar da família no processo de educar. De forma sistematizada, educadores trabalham entendendo que “o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros” (VYGOTSKY, 2016, p. 60-61).

Mas a escola e sua estrutura tendem a limitar o uso do corpo e alguns sentidos durante a vida escolar dos que nela ingressam. Estrutura que não foi pensada a partir de uma perspectiva atualizada de educação e de aprendizagem, mas na contramão do entendimento atual. Segundo Foucault (1987), essa forma de organização busca uma coerção disciplinar que aumentaria a “aptidão” ao mesmo tempo que tornaria esses corpos obedientes, “dóceis”.

Quando falamos do corpo em relação à educação, comunicação e expressão, falamos não apenas da educação escolar, nem nos restringimos à educação física, estamos pensando em como potencializar a aprendizagem nesses variados momentos da vida através de tudo o que nosso corpo nos oferece: todos os sentidos e emoções como possibilidades de criar formas mais significativas de aprendizagem, já que “o corpo está envolvido na exploração de conceitos de aprendizagem e possivelmente expressando como a criança se sente sobre o que está sendo realizado por meio de seu corpo” (GORI *et al.* 2022, p. 9).

A dança entra nesse processo não apenas por ser um conteúdo da educação física, mas como possibilidades de levar crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos a aprender através do corpo em movimento, de forma lúdica e inclusiva. A dança é uma linguagem que nos permite expressar e perceber o mundo. De maneira que “ler não diz respeito somente aos olhos fixos no papel, nas paredes, nas telas. Ler diz respeito ao corpo todo transitando entre papéis, paredes, telas, ruas, pisos, árvores, pessoas, prédios, brinquedos, praças, teatros, museus [...]” (MARQUES, 2010, p. 31).

Para além do ver, ouvir e responder utilizado na maioria das escolas e outros espaços formais de educação, como as universidades, podemos inserir percepções

táteis, auditivas, gustativas, olfativas dentro do processo de aprendizagem desde a infância. Mas não só em crianças, para Laban (1978) qualquer movimento humano está ligado a um esforço, onde o movimento tem seu ponto de partida. A dança enquanto fenômeno cultural faz parte de toda sociedade e o movimento é sua forma de expressão. De forma que “são estados de espírito ou de humor que conferem às ações corporais um colorido especial” (Ibid., p.124).

Não são os professores os únicos responsáveis pela educação, de acordo com Trilla (1998), a função de educar, pensada de forma ampla sempre existiu e continuará existindo de várias formas, sendo a escola apenas uma das formas.

A família, os centros de educação comunitários/populares, organizações da sociedade civil, os museus, dentre outros, integram o processo educacional dos seres humanos que acontecem em espaços formais e não-formais de educação.

Buscando olhar sob uma perspectiva multissensorial do aprendizado, podemos pensar que no museu Paço do Frevo a vivência em dança pode potencializar a visita pois “o ato de dançar requer, absolutamente, que o ser humano viva essa experiência” (SILVA, 2017, p. 396) de forma crítica e historicizada, pois o ser humano “se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade” (LABAN, 1978, p. 20).

Diante disso, este trabalho apresenta uma série de entrevistas aplicadas aos visitantes do museu Paço do Frevo, nas quais permitiu fazer uma comparação entre a experiência das pessoas que realizaram a visita convencional ao museu e as que participaram da vivência em dança como complemento à visita. Com isto, pretendemos entender o que a dança muda na percepção da experiência dos visitantes dentro do espaço museal.

Buscamos, nesta pesquisa, ampliar o entendimento sobre a importância da dança nos processos de visita do museu em específico e, ao mesmo tempo, repensar a forma como a dança é tratada em espaços educacionais, podendo ser potencializadora dos aprendizados pois estimula vários sentidos. Segundo o estudo de Broadbent *et al.* (2016, p. 7) “as crianças demonstraram melhor desempenho em uma tarefa de categorização incidental após a exposição a sinais multissensoriais (audiovisuais) em comparação com informação unissensorial (somente visual ou auditiva)”. Orientando a busca de uma nova relação nos processos de ensino-aprendizagem que podem ser mais prazerosos, sem deixar de lado as questões históricas e específicas do frevo, no nosso caso.

Os museus são espaços dedicados à cultura/arte, mas também têm uma relação estreita e antiga com a educação. Educar, fator comum a todas as sociedades, está diretamente ligado à manutenção de suas culturas. Sobre o papel da educação, Valente (2009, p. 86) considera que:

A finalidade da educação diz respeito de um lado à identificação dos elementos culturais pré-existentes (permanências), que serão escolhidos para serem assimilados pelos indivíduos da espécie humana e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas (mudanças) para que os indivíduos atinjam seus objetivos, previamente determinados. No processo, é pela educação que se realizam as tarefas de ensinar e produzir conhecimento para o aperfeiçoamento no campo das idéias, de conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades, etc.

O museu está na sociedade para de alguma forma ajudar na formação das novas gerações, transmitindo o conhecimento acumulado historicamente pelo ser humano, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem. O museu, segundo Valente (2009) é um lugar de formação e transmissão. Desta maneira, museu e a educação sempre andaram de mãos dadas.

Contudo, que público chega às obras/patrimônios que estão nos museus? De acordo com Cauquelin (2005, p. 13): “as obras, e se vê aí o paradoxo mal compreendido, são cada vez mais numerosas; os museus, as galerias crescem e se multiplicam, e a arte nunca esteve tão afastada do público”.

A este respeito, o museu Paço do Frevo tem algumas políticas que tentam mudar essa realidade, a exemplo da gratuidade aos moradores das comunidades vizinhas através da comprovação da residência e cadastro na recepção do próprio museu; também ocorre a gratuidade às terças-feiras ao público geral; além da gratuidade para estudantes e professores da rede pública de ensino; assim como da gratuidade para pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Contudo, pouco se percebe essas pessoas das comunidades do entorno e outras tantas pessoas com perfis diversos e que podem ir gratuitamente ao espaço, ocupando esse território tão importante para o nosso povo, para nossa identidade.

2.2 EDUCAÇÃO, DANÇA E O PAÇO DO FREVO

A dança, numa perspectiva educativa, não exige um corpo específico, podemos levar dança a todas as pessoas, como escreveu Marques (1998). Já

Isadora Duncan prezava pela sua liberdade e usava seu corpo e sua dança não só para falar sobre isso, mas para vivenciá-la corporalmente. Ela, que foi a primeira bailarina clássica a dançar sem sapatilhas.

Nós, enquanto sociedade, precisamos rever a forma de educar as pessoas, assim como, precisamos garantir que todo conhecimento cultural que faz parte da nossa identidade, enquanto povo, seja ofertado às próximas gerações de forma acessível e contada de forma mais diversa possível, e não apenas sob a luz de autores que muitas vezes são influenciados por referências que não entendem acerca da realidade daquelas pessoas que deram origem à maior expressão cultural de Pernambuco, o frevo.

Receber escolas e trocar conhecimento com visitantes espontâneos cria uma relação de ensino e aprendizagem fora dos espaços escolares de educação. Visitar um museu pode ser uma experiência boa ou não. A forma como os museus têm olhado para a relação com o público tem mudado, no sentido de aproximar o público da arte. Nesse contexto, Silva (2019) observa que “a mediação de arte, portanto, também sofre intensa transformação, pois sabe-se do delicado papel do mediador entre elucidar sem tolher a experiência do público com determinada expressão artística.

No Paço do Frevo, assim como em outros museus, a mediação não precisa ser diretiva, para Cocchiarale (2007, p. 15): “o mediador deve ser menos a pessoa que transmita conteúdos e mais alguém que estimule o público a estabelecer algumas relações de seu próprio modo”.

No caso específico do Paço do Frevo, enquanto Centro de Referência em Salvaguarda do Frevo, que abriga um estúdio, uma escola de dança, uma escola de música, além de um centro de documentação e pesquisa, a experiência de visitaçãõ pode ser potencializada pela vivência em dança¹ que o museu oferece às terças-feiras, aos sábados e aos domingos.

A vivência em dança oportuniza uma experimentação do que os visitantes em seu corpo o que viram na visita, “transmutando o corpo do indivíduo em instrumento sólido capaz ligar-se a outros indivíduos e obras de arte, instrumento esse que

¹ Experiências direcionadas a todos os públicos, as vivências consistem em uma curta aula e frevo a partir da experimentação de passos básicos que possibilitam ao participante a elaboração e o exercício do improviso, respeitando a diversidade e singularidade dos corpos. As vivências durante a elaboração deste trabalho foram ministradas pelo passista e professor Henrique Braz.

permite a participação horizontal de qualquer pessoa durante uma vivência artística sensível” (SILVA, 2019, p. 234). O frevo carrega em sua origem uma diversidade de corpos e movimentos, como um exercício de sua própria liberdade de manifestação corporal, permitindo a qualquer pessoa experimentar “a abstração que o dançar propõe, permite aos dançantes explorar um universo de conexões que alicerça os dançarinos numa comunicação imaginativa e sensível” (Ibid., p. 237).

2.3 COMO SE APRENDE, COM O CORPO OU COM A MENTE?

O cérebro humano evoluiu para aprender e operar em ambientes naturais nos quais o comportamento é muitas vezes guiado por informações integradas em várias modalidades sensoriais (SHAMS; SEITZ, 2008). Sendo assim, precisamos refletir sobre a forma como conduzimos os processos de aprendizagem em espaços formais e não-formais de ensino.

O aprendizado se constrói por toda a vida. E de acordo com Bianchi; Lima; Barbosa (2016, p. 150): “qualquer processo de significação pode ser considerado multissensorial por excelência”. Jovens e adultos também usam vários sentidos na percepção e apreensão da realidade para a construção de signos e representações mentais. A este respeito, Shams e Seitz (2008, p. 411) consideram que “as interações multissensoriais são onipresentes no sistema nervoso e ocorrem nos estágios iniciais do processamento perceptivo”. Esse diálogo que ocorre em nosso cérebro nos permite criar uma experiência única e pessoal de aprendizagem.

De acordo com Gori *et al.* (2022, p. 2): “pesquisas recentes destacam o papel da integração multissensorial e como diferentes modalidades sensoriais influenciam o aprendizado das crianças”. Esse conceito dialoga com a perspectiva das práticas de ensino/aprendizagem quilombola que usa o brincar em ambientes naturais, refletido na fala “ quando a gente brinca de fazer roça, a gente cresce aprendendo a fazer roça, a gente brinca de fazer roça até a gente fazer a roça de verdade” (SANTOS, 2023, p. 22).

Para criar representações mentais do que o mundo nos apresenta o cérebro busca informações guardadas das experiências já vividas e coloca essas informações em diálogo com os novos estímulos externos que envolve todas as nossas percepções sensoriais. Desta forma, “não privamos estímulos sensoriais em favor de alguma percepção específica no contato com o mundo” (BIANCHI; LIMA;

BARBOSA, 2016, p. 150).

Sendo assim, podemos então perceber que:

Os protocolos de treinamento unissensorial usados para aquisição de habilidades em adultos podem fornecer configurações não naturais e não explorar mecanismos de aprendizado multissensorial que evoluíram para produzir um comportamento ideal no ambiente naturalmente multissensorial” (SHAMS; SEITZ, 2008, p. 411).

Essa integração busca perceber qual ou quais sentidos são melhores combinados para determinados aprendizados. Sobre isso, Bianchi; Lima; Barbosa (2016, p. 158-159) consideram que "percepções táteis, auditivas, gustativas, olfativas e emocionais, além das visuais, são mobilizadas no processo de aprendizagem das cores desde a infância”.

Pensando que "cada um dos movimentos se origina de uma excitação interna dos nervos, provocada tanto por uma impressão sensorial imediata quanto por uma complexa cadeia de impressões sensoriais previamente experimentadas e arquivadas na memória" (LABAN, 1978, p. 49), a dança tem muito a contribuir em qualquer fase da vida nesse processo de aprendizagem.

O corpo em movimento tem muito a nos ensinar, “os gestos simulam ações a partir de representações mentais de conceitos e que esses gestos são baseados na interação sensório-motora” (GORI *et al.* 2022, p. 3). Nosso aprendizado não se dá apenas pela incorporação de conceitos expostos de forma visual ou auditiva, como geralmente acontece nas aulas tradicionais, “as experiências físicas formam analogias metafóricas para ideias abstratas” (Ibid, p. 4)

De acordo com Shams e Seitz (2008, p. 415): “os mecanismos de aprendizado operam de maneira ideal em condições multissensoriais”, portanto, os ambientes de aprendizagem podem ser pensado de maneira a explorar todos os sentidos e emoções do ser humano em todas as fases da vida.

2.4 FREVO, PATRIMÔNIO EM MOVIMENTO

O frevo, enquanto manifestação cultural, é um verdadeiro exercício de liberdade de um povo oprimido. Saber de onde e como surgiu e entender a fluidez da cultura é de extrema importância para a manutenção das manifestações populares.

A importância de afirmar sempre as origens nos permite trocas mais potentes e críticas. Sobre essa origem, Figueirêdo (2020, p. 22) afirma que o frevo é “uma dança afro-diaspórica, que se construiu e constrói na resistência e transgressão do corpo negro que estava e está nas ruas do Recife” no final do século XIX e início do século XX.

Para entender um pouco sobre o frevo dentro desse lugar de liberdade e possibilidades, Oliveira (1971, p.102-103) traz:

Assim criou, o passista pernambucano, a dança mais arbitrária que se conhece. A mais imprevista. A mais surpreendente, por se achar sujeita a circunstâncias ocasionais, como sejam a maior ou menor compacidade da massa humana, a irregularidade do calçamento, o fanatismo clubístico, o poder do estímulo musical, função do maior número ou melhor qualidade das figuras da orquestra, de sua afinação, de sua homogeneidade, do seu "fogo", até do dia e da hora, pois não é o mesmo dançar na "onda" de uma troça, na pracinha, com o sol a pino e dançar alta noite, numa rua estreita, na cauda de um clube de sua predileção.

Quando o autor fala do passista pernambucano, ele está falando de pessoas negras e pobres que praticavam a capoeira, mas também de uma gama de trabalhadores e trabalhadoras da cidade do Recife como veremos adiante.

Compreendemos que, para sobrevivência do frevo enquanto patrimônio cultural, devemos buscar formas de manter viva a sua história, com ênfase em seus criadores e criadoras, e propor formas de transmitir essas memórias e arquivos corporais, nascidos de pessoas negras e pobres que habitavam o Recife no final do século XIX e início do século XX para pessoas de épocas e lugares tão diversos, entendendo que o frevo hoje é um Patrimônio da Humanidade. Cabe ao Estado, à Comunidade do Frevo e aos equipamentos culturais a transmissão e criação de formas de fazer com que a humanidade possa sentir-se pertencente a esta história.

Circulam várias histórias sobre o surgimento do frevo, tais como: o frevo sendo originário da capoeira; a mulher entra no frevo a partir do frevo de bloco; a mulher entra no frevo a partir dos concursos de passistas nas rádios (na década de 1940). Essas histórias podem ter algo de verdadeiro e algumas questões um tanto distorcidas, talvez pela perspectiva da qual se colocam as falas. Vamos desmistificar certas informações imprecisas pois estas vêm, muitas vezes, do ponto de vista de pessoas brancas que naquela época não consideravam a mulher negra como mulher nem estavam envolvidos no surgimento dessa dança.

Para exemplificar esse olhar foi trazida uma passagem de *Casa-Grande e*

Senzala de Gilberto Freyre (que era branco), citado por Kishimoto (1993) – que se utilizava de romances e contos para explicar determinadas questões sociais da época – no texto *A história dos jogos e a constituição da cultura lúdica* utilizado pelo professor Alvaro Marcel Palomo Alves, na disciplina de *Metodologia do Jogo* do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE, que traz a seguinte passagem:

Afastada do convívio da sociedade, das relações sociais em geral, sobrava-lhe apenas a companhia das escravas e filhos. Dispondo de educação doméstica, trancada no interior da casa-grande, sua única função restringia-se a tocar piano, administrar escravas, bordar e cuidar dos filhos. Nem mesmo a amamentação era feita por ela, e sim pelas escravas, a mãe brasileira anulava-se, abdicando de seu papel de orientadora, deixando a total permissibilidade vigorar entre as relações mãe-filho. (KISHIMOTO, 1993, p. 31).

Como percebemos na passagem citada, a mulher negra não era vista como mulher e nem como brasileira. Textos como esse ajudaram no ideal social brasileiro e contribuíram para o embranquecimento do país, até da cultura negra.

O frevo, em seu surgimento, não tinha como finalidade ser belo para quem assistia, era muito mais um exercício de liberdade de corpos de negros, negras, pobres e abandonado pelo Estado. Sim, tinham mulheres em meio as famosas maltas (grupos de praticantes da capoeira metidos a valentões) como cita Marques (2012) os nomes, encontrados no *Jornal Correio do Recife*, de Maria Luiza de Abreu, conhecida por “Tropa no Caixão”, de Olindina Olivia da Silva, de Ana Maria da Conceição, conhecida por “Ana Coroada”, e de Maria da Hora Tavares, essa última presa em 1906 por fazer movimentos de capoeira em frente a uma festa particular.

Outra evidência da participação ativa das mulheres no surgimento do frevo é o estandarte (bandeiras que representam agremiações carnavalescas) da *Troça Carnavalesca Verdureiras de São José*, cuja fundação data do ano de 1889. Sobre o frevo vir da capoeira, não faz muito sentido se pensarmos que o frevo não surge no lugar onde acontecia a capoeira, “foi o capoeira do Recife, o ancestral do passo” (OLIVEIRA, 1971, p. 12). Passo era como chamavam o frevo (dança) naquela época. Essas pessoas que estavam recém-libertados da escravidão faziam parte do cotidiano da cidade e eram frequentemente reprimidos pelas forças de opressão do estado (a polícia) por praticarem capoeira.

Como podemos perceber:

Independente do gênero ou da convicção, como visto, os capoeiras eram figuras constantes pelas ruas da capital pernambucana. Sua presença era tão significativa que os responsáveis pela criação das leis se desdobravam para prevenir as cenas provocadas pelos capoeiras. (MARQUES, 2012, p. 130).

Observando que no texto o autor usa o termo “os capoeiras” para falar não só dos homens, assim como na língua portuguesa usamos sempre o plural no masculino, isso favorece o apagamento da participação feminina (de mulheres negras e pobres) na construção dessa dança que hoje é a maior expressão cultural do estado de Pernambuco.

Diante do exposto, percebe-se que o frevo surgiu a partir de corpos de pessoas que praticavam a capoeira e não da capoeira em si. De acordo com Oliveira (1971, p. 100), “a verdade, porém, é que não encontro em fotos, desenhos, descrições pormenorizadas da capoeira nenhum golpe, nenhuma atitude que me permita estabelecer relação de semelhança com os passos do passista do frevo”. Ainda segundo o autor, a ginga seria o único legado em termos de movimento deixado pela capoeira jogada naquela época pelos passistas de frevo e, para além disso, o autor observa que inegavelmente sente o espírito da capoeira no frevo dançado pelos passistas (negros e negras).

Mas só tinham praticantes da capoeira protagonizando o nascer do frevo? a resposta é não. O frevo nasce dessas pessoas, mas também de uma enorme quantidade de pessoas que frequentavam o centro do Recife a trabalho ou não. Sobre isso, Figueirêdo (2020, p. 34) destaca que “os estivadores, as lavadeiras, os vendedores de verdura, as verdureiras, povo negro da cidade do Recife, estavam todos nas ruas fazendo frevo também”.

O Paço do Frevo, enquanto um Centro de Referência que trata sobre o frevo, que foi incluído na Lista Representativa de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em 2012, pode auxiliar tanto na formação/atuação de professores, educadores e arte educadores, como também nas aulas de educação física escolar e em quaisquer outros espaços dedicados à trocas, manutenção e permanência de saberes, principalmente dos saberes populares que são o caso do frevo (enquanto manifestação) e do Paço do Frevo (enquanto instituição).

Neste contexto, Valente (2009, p. 87) percebe que “no museu, programas e

projetos educacionais são gerados com base em modelos sociais e culturais e o processo de seleção das partes da cultura é realizado com o intuito de torná-las acessíveis a seus frequentadores”.

Poder proporcionar uma experiência multissensorial a toda e qualquer pessoa que por lá circular e ter em mãos a oportunidade de revolucionar a relação da sociedade com o museu, com o frevo, com a cidade, com nossa história. Considerando que “os desenhos visíveis da dança podem ser descritos em palavras, mas seu significado mais profundo é verbalmente inexprimível” (LABAN, 1978, p.88).

3. MÉTODOS

Esse estudo se caracterizou como uma pesquisa de campo qualitativo e quantitativo de cunho comparativo.

A amostra contou com a participação de 55 (cinquenta e cinco) adultos que responderam ao questionário de forma anônima. A participação dos sujeitos se deu de forma voluntária e o convite para participar da pesquisa se deu ao final das visitas.

Separamos os visitantes em dois grupos: no Grupo 1 (G1) ficaram alocados os sujeitos que participaram da experiência multissensorial proporcionada pela vivência em dança, e no Grupo 2 (G2) os sujeitos que não participaram da vivência de dança.

A coleta dos dados foi realizada nos dias 2 e 4 de abril de 2023, (domingo e terça-feira, respectivamente), escolhidos por serem dias em que o museu oferece a vivência em dança aos visitantes em alguns momentos do dia.

Utilizamos um questionário autoaplicável com quatro perguntas relacionadas a experiência que os visitantes tiveram no museu. A primeira pergunta estava relacionada à satisfação dos visitantes em relação à visita como um todo. A segunda pergunta teve como objetivo saber que exposições ou experiências os sujeitos mais gostaram. A terceira pergunta, buscou compreender se a visita proporcionou aprendizado/ampliação no conhecimento relacionado ao frevo. Por fim, a quarta pergunta, teve como finalidade entender quais exposições/ experiências mais contribuíram para esse aprendizado.

Para a primeira e terceira perguntas utilizamos a *Escala Likert*, como base para as respostas. A primeira pergunta feita aos sujeitos foi: Como foi a experiência de visitar o museu? As respostas, baseadas na escala mencionada, davam opções entre 1 e 5, onde 1 equivale a “muito ruim”, e 5 equivale a “muito boa”. A terceira questão constou: Você concorda que saiu dessa experiência com maior conhecimento sobre o frevo? A questão foi elaborada, assim com a primeira foi baseada na mesma escala, em que “discordo totalmente” foi definido pelo número um (1), e “concordo totalmente” foi definido pelo número cinco (5).

Para a segunda e quarta questões pedimos para os sujeitos marcarem três de nove opções de respostas. Na segunda questão da pesquisa dividimos as exposições/ experiências em nove opções; foram elas: Linha do Tempo (da

Exposição Frevo Vivo); Glossário do Carnaval; Ciclo do Carnaval; Comendadores do Frevo; poesia de cordel de Honório Cordelista; textos/músicas/poesias das janelas; salas de projeção de música e de dança; estandartes e flabelos; vivência prática. Pedimos que os sujeitos marcassem três opções das nove existentes.

A quarta e última questão da pesquisa, pediu para que os sujeitos marcassem as três exposições/ experiências que mais contribuíram para o aprendizado/ entendimento sobre o frevo. Descartamos nas questões dois e quatro os sujeitos que marcaram mais do que três opções.

Os dados objetivos foram tabulados em uma planilha *Microsoft Excel* (versão 2010), e analisados em medidas de frequência relativa. Os dados de frequência foram apresentados em imagens gráficas para melhor visualização do resultado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises de dados foram agrupadas em quatro questões fechadas e de múltiplas escolhas. Onde a primeira e a segunda se relacionam acerca da experiência e satisfação dos sujeitos entrevistados e a terceira e quarta se aproximam do que se diz a respeito ao aprendizado sobre o conteúdo em específico, no caso, o frevo.

Participaram dessa pesquisa, 55 (cinquenta e cinco) adultos que visitavam espontaneamente o espaço do museu Paço do Frevo, nos dias 2 e 4 de abril de 2023, respectivamente, um domingo e uma terça-feira. Os dados coletados nos trazem relevantes questões relacionadas à percepção da experiência que os visitantes têm durante suas passagens pelo museu.

Dos sujeitos entrevistados, 60% participaram da vivência em dança e 40% não participaram, como mostra o (Gráfico 1) a seguir:

Gráfico 1 – Dados referentes à participação na vivência prática em dança no Paço do Frevo, Recife-PE.

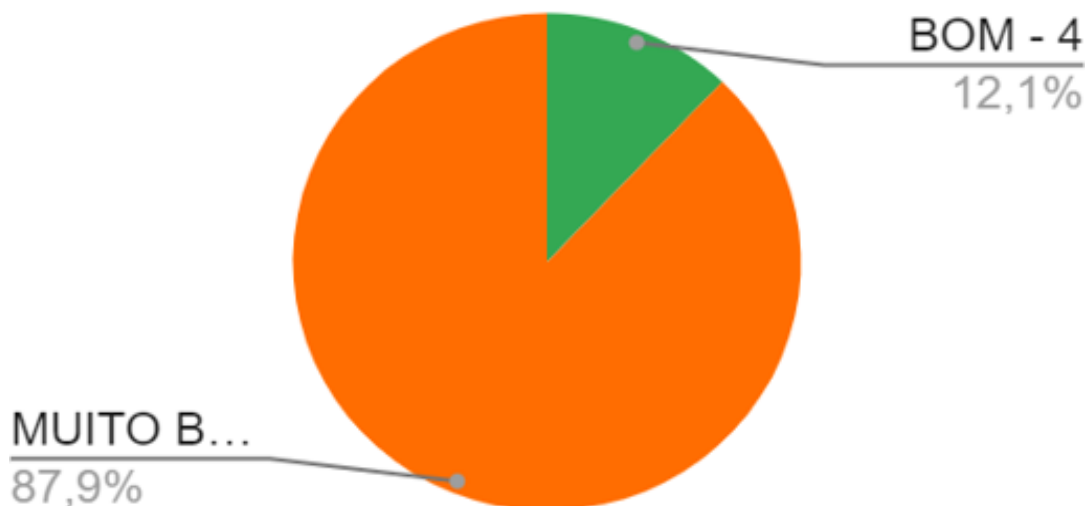


Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

A primeira questão está relacionada à satisfação dos sujeitos em relação a visitação como um todo. Como apontam as ilustrações abaixo (Gráficos 2, 3 e 4), a experiência do G1 se mostrou mais positiva que a experiência do G2.

Gráfico 2 – Dados referentes à satisfação da visita do G1 (participantes da vivência em dança).

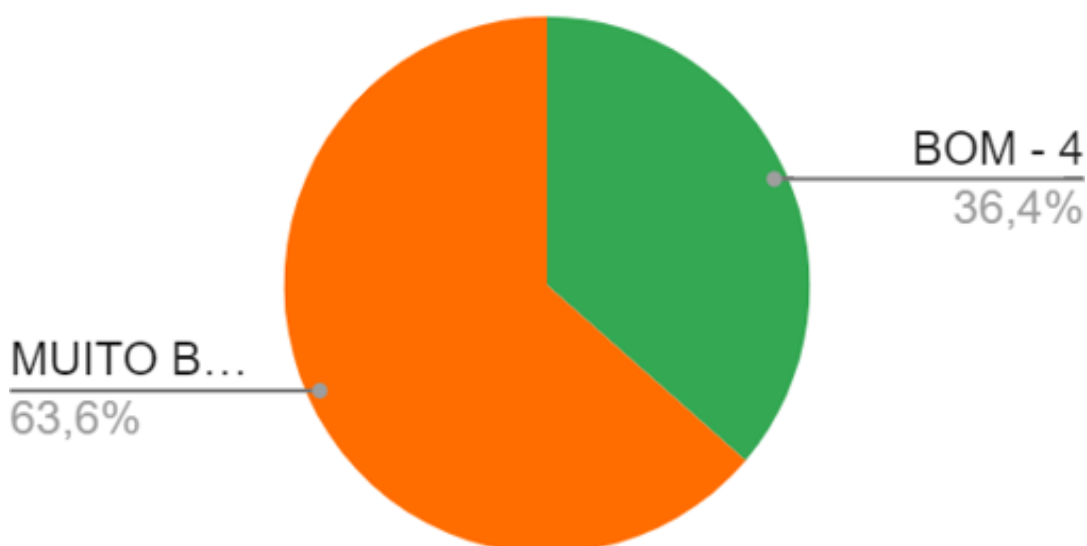
COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE VISITAR O MUSEU? G1



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Gráfico 3 – Dados referentes à satisfação da visita do G2 (não participantes da vivência em dança).

COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE VISITAR O MUSEU? G2



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

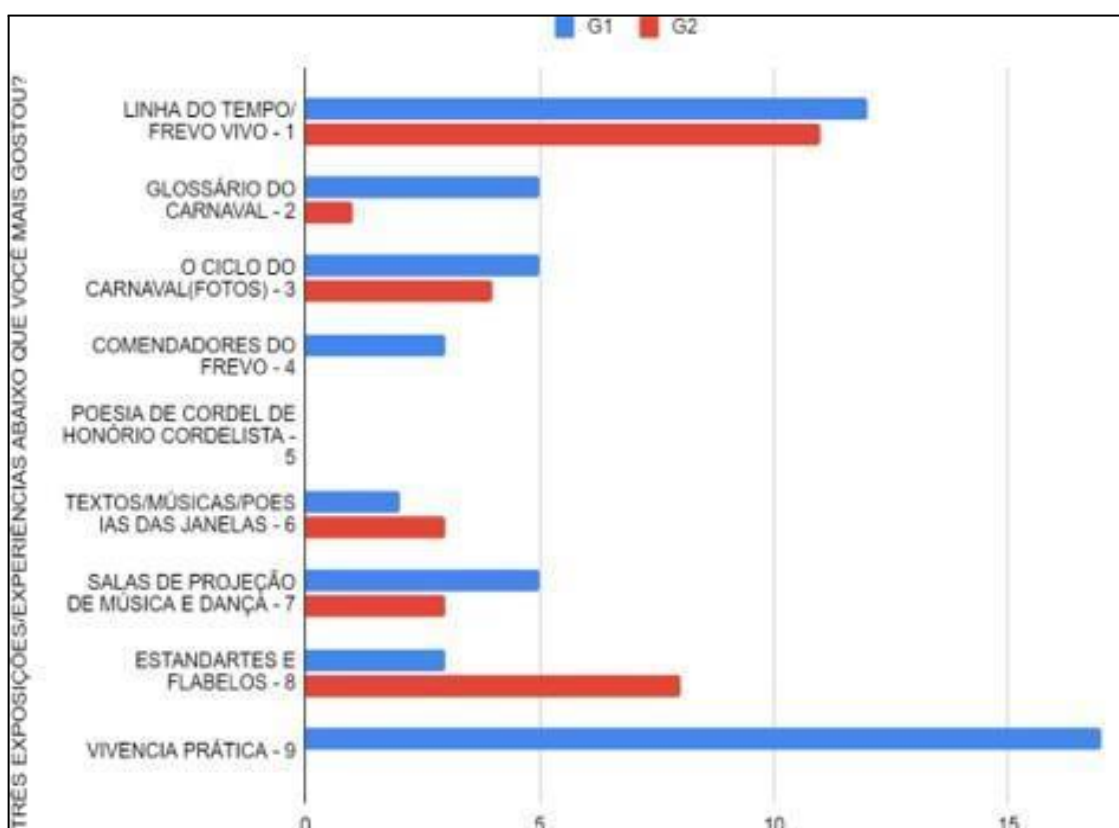
Enquanto no G1 87,9% dos sujeitos classificaram a visita como “muito boa”, 12,1% classificaram a experiência como “boa”. Os sujeitos do G2 que classificaram

a visita como “muito boa” somam 63,6%, e 36,4% classificaram a visita como “boa”.

Possivelmente a prática multissensorial em dança influenciou a satisfação dos visitantes em relação a experiência como um todo.

A segunda questão buscou identificar quais das nove exposições/experiências que o museu oferece mais se relacionavam com a satisfação dos sujeitos em sua passagem pelo espaço museal. Os gráficos a seguir indicam que o G1 marcou mais opções que estão ligadas a mais de um sentido, enquanto que o G2 optou por opções mais ligadas à visão.

Gráfico 4 – Comparativo de satisfação entre G1 e G2 das exposições/experiências na visitação.

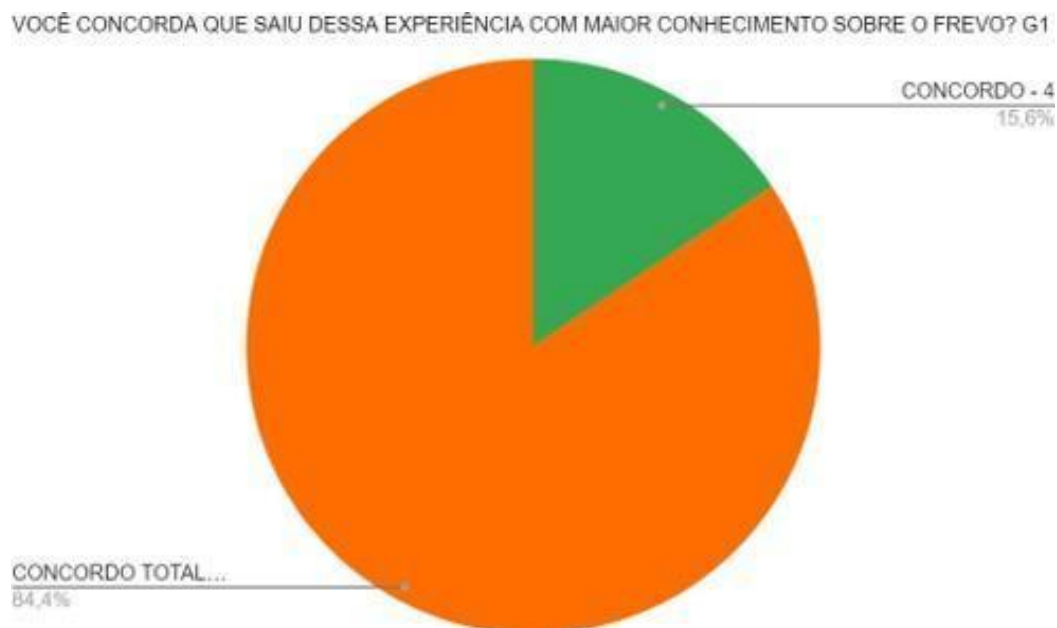


Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

A terceira questão buscou identificar se a visitação gerou aprendizado/ ampliação do conhecimento acerca do conteúdo “frevo”. Os gráficos a seguir trazem uma diferença significativa no percentual de pessoas que concordaram que a experiência vivida foi importante nesse sentido. Enquanto no G1 84,4% dos participantes responderam “concordo totalmente”, 15,6% marcaram “concordo”. No

G2, 63,6% marcaram a opção “concordo totalmente”, e 36,4% optaram pela alternativa “concordo”.

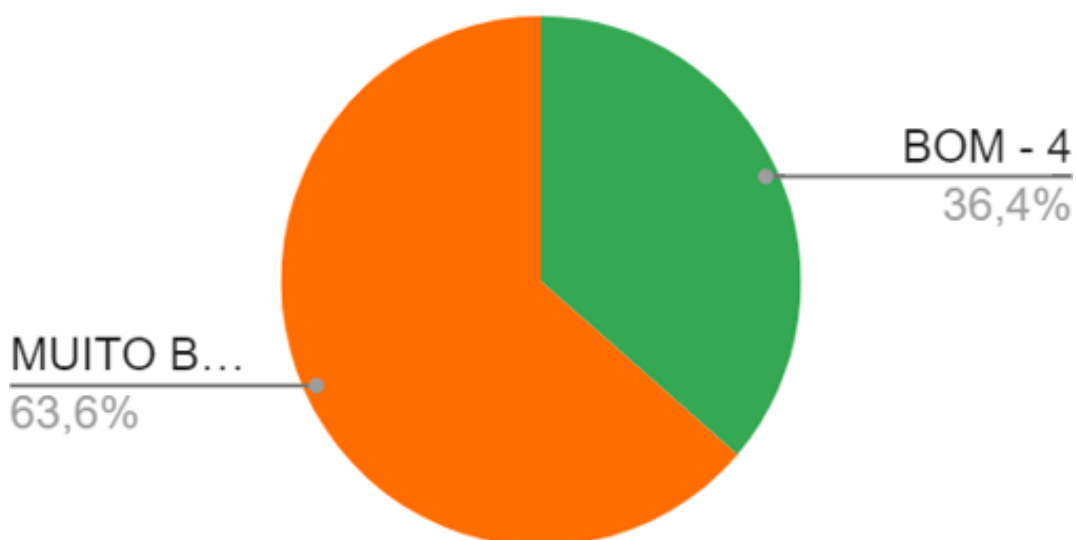
Gráfico 5 – Dados referentes ao aprendizado/ampliação do conhecimento acerca do frevo do G1.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Gráfico 6 – Dados referentes ao aprendizado/ampliação do conhecimento acerca do frevo do G2.

COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE VISITAR O MUSEU? G2

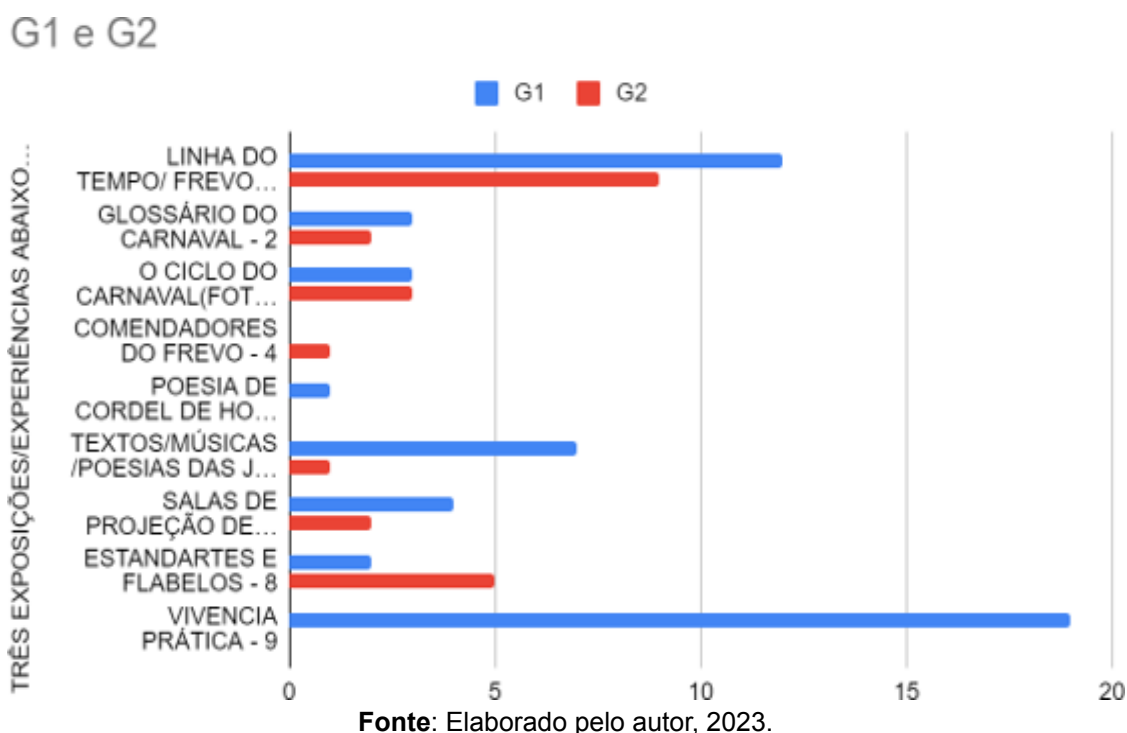


Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Os gráficos indicam que o corpo em movimento permite outras possibilidades de aprender sobre o conteúdo exposto no Paço do Frevo. As sensações geradas a partir dessa prática imersiva possibilitam a construção de significados particulares em cada visitante, ampliando o entendimento sobre nosso patrimônio a partir dessa experiência multissensorial.

No intuito de relacionar quais exposições/experiências foram mais significativas para o aprendizado ou ampliação do conhecimento dos visitantes sobre o frevo, a quarta questão trouxe as mesmas opções da segunda pergunta, das quais três foram escolhidas pelos sujeitos. As respostas dos entrevistados apontam novamente para uma percepção mais ampliada do frevo e do espaço museal no que diz respeito ao corpo em sua totalidade de sentidos. Segue abaixo o gráfico que com as respostas:

Gráfico 7 – Comparativo de significação de aprendizado/ampliação do conhecimento sobre o frevo do G1 e G2.



As opções mais escolhidas pelo G1 foram a “vivência em dança”, marcada por quase todas as pessoas entrevistadas, seguida pela “Linha do Tempo” e os “textos/ músicas/poesias das janelas” que conectam os visitantes diretamente com cenários naturais do cotidiano da cidade.

O G2 optou mais pela “Linha do Tempo”, os “estandartes e flabelos”, que são para apreciação visual, e, o “Ciclo do Carnaval”, que é uma exposição fotográfica, o que indica que a percepção desses entrevistados tende a ser mais visual.

Os resultados da pesquisa nos mostram que a experiência multissensorial da vivência em dança mostrou-se de grande relevância para a visita ao Paço do Frevo, assim como, no aprendizado dos sujeitos no que se refere ao conhecimento sobre o frevo.

Sentir o frevo através do corpo em movimento parece potencializar o entendimento desse patrimônio, causando uma experiência mais positiva em quem percorre o espaço museal, na busca de aprender um pouco mais sobre a nossa cultura.

Já na primeira pergunta percebemos uma diferente percepção da experiência, no G1, 87,9% das pessoas responderam como “muito boa” e 12,1% classificaram como “boa” a experiência. Já no G2 este percentual cai para 63,6% avaliando a visita como “muito boa” e 36,4% classificando como “boa”. Percebemos aqui um considerável salto qualitativo gerado pela experiência imersiva que o G1 vivenciou no processo de visita.

A segunda questão se relaciona diretamente com a primeira. Ficou nítido que para o G1 a vivência prática foi uma das melhores experiências da visita pois foi a opção mais marcada, seguida da exposição da “Linha do Tempo” da *Exposição Frevo Vivo*, e tendo como terceira experiência mais votada, um empate entre o “Glossário do Carnaval” – que é uma exposição interativa onde o visitante se utiliza do tato e visão na interação –, o “Ciclo do Carnaval” e as “salas de projeção de música e de dança” – sendo essas salas um ambiente de múltiplos estímulos sensoriais. Isso corrobora também com o fato de o G1 ter gostado mais da experiência no museu como um todo, como mostrou a questão anterior. O G2 colocou a “exposição do térreo”, que também aparece muito citada pelo G1, como a que a maioria das pessoas gostou, seguida pela exposição “Ciclo do Carnaval” e dos “estandartes e flabelos”.

Temos uma questão importante que precisamos ressaltar: das exposições/atividades permanentes (de longa duração), a “Linha do Tempo” da *Exposição Frevo Vivo* é a única que foi atualizada recentemente, sendo todas as outras datadas de 2014 (quando o museu foi inaugurado).

A terceira questão confirma o que viemos verificar sobre o conhecimento apreendido sobre o frevo para quem vivenciou uma experiência imersiva de aprendizagem e de quem não participou. Para 84,4% dos entrevistados do G1 a opção marcada foi “concordo totalmente” e a opção “concordo” foi marcada por 15,6% dos sujeitos. Já no G2 o percentual foi de 63,6% para a opção “concordo totalmente”, e 36,4% para a opção “concordo”. Novamente o grupo que fez a vivência mostra a importância da vivência em dança, dessa vez relacionado diretamente ao que aprenderam sobre o conteúdo apresentado no museu, que por sua vez, caminha na mesma direção das questões anteriores quanto a importância da experiência de aprendizagem imersiva e multissensorial.

Na quarta e última questão da pesquisa buscamos entender quais exposições/ experiências mais contribuíram para o entendimento/aprendizado sobre o frevo. Novamente predominaram a “vivência prática em dança” e a “Linha do Tempo” da *Exposição Frevo Vivo* como as mais citadas pelo G1 seguidas, dessa vez, pelos “textos/músicas/poesias das janelas”. Para o G2, as mais significativas foram a “Linha do Tempo” da *Exposição Frevo Vivo* e os “estandartes e flabelos” e em terceiro lugar ficou o “Ciclo do Carnaval”.

Aparentemente uma percepção diferente do museu como um todo se percebe nas diferentes respostas dos grupos G1 e G2. Os sujeitos do G1 que participaram da vivência prática, que nesse caso foi direcionada à dança, oferecida pelo museu, citaram nas suas respostas elementos não só visuais.

Perceber o museu a partir do que se ouve, sente através do toque ou dos movimentos, das texturas diferentes de alguns ambientes é algo que as respostas do G1 nos levam a crer. O G2 traz em suas respostas uma percepção do museu mais percebida através da visão, a maioria das opções marcadas por seus sujeitos são de exposições/experiências mais ligadas ao visual como é o caso dos “estandartes e flabelos” (expostos sob um piso de vidro) e o “Ciclo do Carnaval” (exposição através de fotos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa a partir dos resultados encontrados traz como contribuições a relevância da prática imersiva multissensorial de dança experimentada pelos visitantes do museu Paço do Frevo.

Nota-se que o G1, que participou da vivência em dança, mostrou um alto índice de satisfação com quase 90% dos sujeitos, classificando como muito boa a visita ao museu. O G2 que não participou da prática, apesar de ter uma experiência bem positiva, apresentou menores porcentagens relacionadas à satisfação com a visita, com pouco mais de 60% dos entrevistados classificando a visita como muito boa. As respostas trazidas pelos visitantes apontam para uma percepção diferente do museu entre os grupos G1 e G2. Quando questionados sobre as exposições que mais gostaram e as que mais foram importantes para o aprendizado sobre o frevo, o G2 marcou opções que estavam mais relacionadas à visão, enquanto que o G1 parece ter escolhido opções que agregam mais sentidos, além de quase todos colocaram a vivência em dança como algo que foi prazeroso e importante no processo de aprendizado sobre o frevo.

Assim concluímos que a experimentação corporal multissensorial da vivência em dança é de grande relevância para o entendimento do que é o frevo, assim como, para a construção de significados e satisfação de quem visita o Paço do Frevo.

Estudos com uma maior quantidade e diversidade de sujeitos se faz necessário no sentido de ampliarmos o entendimento de como essa experiência influencia a visita, por exemplo, de pessoas com deficiência visual ou auditiva.

Essa pesquisa se encerra deixando aberto um caminho para o diálogo acerca do aprendizado através do corpo em movimento com toda sua potencialidade sensorial. Um diálogo de extrema importância para a área da Educação Física, da dança, da cultura e da educação como um todo. Como nos apontou Freire (1983), nosso mundo humano é um mundo de comunicação, sobretudo, por ser nas relações de comunicação que nós construímos uma sociedade melhor. Entendendo que a comunicação precisa de uma escuta humilde, principalmente no meio acadêmico, deixo aqui uma frase do Sabotage (2000) “um bom lugar se constrói com humildade”.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, Cristina; LIMA, Kim; BARBOSA, Maria da Conceição. Conhecer as cores sem nunca tê-las visto. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, n. 18, v. 1, pp. 147-164, jan./abr. 2016.

BROADBENT, Hannah J.; WHITE, Hayley; MARESCHAL, Denis; KIRKHAM, Natasha Z. *Incidental learning in a multisensory environment across childhood*. **Wiley Developmental Science**, London, pp. 1-11, ago./dez. 2016.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Editora Massangana, 2007.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FIGUEIRÊDO, Jefferson Elias de. **“Faz que vai, mas não vai”**: frevo e história da dança, caminhos possíveis de idas e vindas. 2020. 170 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Universidade Federal da Bahia, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra. ed. 8, 1983.

GORI, Monica; PRICE, Sara; NEWELL, Fiona N.; BERTHOUIZE, Nadia; VOLPE, Gualtiero. *Multisensory perception and learning: linking pedagogy, psychophysics, and human-computer interaction*. **Multisensory Research**, v. 35, pp. 335-366, 2022.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos tradicionais infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petropolis: Vozes , 1993.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES , Carlos Bittencourt Leite. **Brinquedo, luta, arruaça**: o cotidiano da capoeira no Recife de 1880 a 1911. 2012. 202 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2012.

MARQUES, Isabel A. Corpo, dança e educação contemporânea, **Pro-Posições**, n. 2, v. 9, ano 26, pp. 70-78, jun. 1998.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da dança: arte e ensino**. 1 ed. São Paulo: Digitexto, 2010.

OLIVEIRA, Waldemar de. **Frevo, capoeira e passo**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1971.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónke. *Visualizing the body: western theories and african subjects*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (Orgs.). **The african philosophy reader**. New York: Routledge, 2002, pp. 391-415.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SHAMS, Ladan; SEITZ, Aaron R. *Benefits of multisensory learning*. **Trends in cognitive sciences**, n. 11, v. 12, pp. 411-417, nov. 2008.

SILVA, Aila Regina da. O corpo mediador: dança e mediação no museu. **Repertório Livre**, Salvador, ano 20, n. 28, pp .390-402, 2017.

SILVA, Aila Regina da. O corpo-teia: a dança como dispositivo de mediação. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, São Paulo, n. 2, v. 15, pp. 233-253, 2019.

TRILLA, Jaume. **La educación fuera de la escuela**. Barcelona: Ariel, 1998.

UM BOM LUGAR. Intérprete: Sabotage. Compositor: Black Alien; Helião; Sabotage. In: Um bom lugar. São Paulo: Cosa Nostra, 2000. 1 CD, Faixa 1.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. Educação e museus: a dimensão educativa do museu. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de N. M. **Museu e museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: MAST, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2016.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Sobre a sua visita ao “Paço do Frevo”...

1. Como foi a experiência de visitar o museu?

- Muito boa
- Boa
- Regular
- Ruim
- Muito ruim

2. Assinale três das exposições/ experiências abaixo que você mais gostou?

- Linha do Tempo/Frevo Vivo - Térreo
- Glossário do Carnaval - 3º andar
- O Ciclo do Carnaval (fotos) - 3º andar
- Comendadores do Frevo - 3º andar
- Poesia de Cordel de Honório Cordelista - 3º andar
- Textos/Músicas/Poesias das janelas - 3º andar
- Salas de Projeção Música e Dança - 3º andar
- Estandarte/Flabelos - 3º andar
- Vivência Prática

3. Você concorda que saiu dessa experiência com maior conhecimento sobre o frevo?

- Concordo Totalmente
- Concordo
- Não Estou Decidido
- Discordo
- Discordo Totalmente

4. Marque três dessas exposições/ experiências que você considera que mais contribuíram para o seu entendimento sobre o frevo?

- Linha do Tempo/Frevo Vivo - Térreo
- Glossário do Carnaval - 3º andar
- O Ciclo do Carnaval (fotos) - 3º andar
- Comendadores do Frevo - 3º andar
- Poesia de Cordel de Honório Cordelista - 3º andar
- Textos/Músicas/Poesias das janelas - 3º andar
- Salas de Projeção Música e Dança - 3º andar
- Estandarte/Flabelos - 3º andar
- Vivência Prática

OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO!